

Um olhar para *Profissão Repórter* a partir das vozes de quem produz o programa¹

Magali Moser

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e bolsista FAPESC

Resumo

Este artigo reflete sobre as interpretações e discursos de quem produz o *Profissão Repórter*, conduzido pelo jornalista Caco Barcellos e jovens repórteres, na Rede Globo. No ar desde 2006, o programa reúne elementos para uma análise complexa, seja pela mobilização de estratégias e recursos de produção e edição ou pela própria concepção do formato, com ênfase nos processos. Priorizando a captação de sensações e ações no momento da ocorrência, promete mostrar “os bastidores da notícia, os desafios da reportagem”, como anuncia o *slogan*. Ao tentar se diferenciar deste modo, *Profissão Repórter* proporciona um jornalismo que permite pensar a si próprio e construir novas linguagens, requerendo um olhar aprofundado. Como aporte metodológico, este estudo exploratório apoiou-se na pesquisa bibliográfica e documental, além de entrevistas com a equipe.

Palavras-chave: *Profissão Repórter*, Jornalismo, Reportagem.

1. Introdução

O jornalismo, como profissão historicamente constituída, sofre mudanças estruturais nas suas práticas que atingem a identidade e o modo como se configura a atividade profissional num progresso contínuo. Ao estudar essas mutações com apoio no conceito de paradigma de Thomas Kuhn, os pesquisadores canadenses Charron e Bonville (2016) classificaram em quatro períodos a trajetória do fenômeno da comunicação midiática contemporânea: *jornalismo de transmissão*, *jornalismo de opinião*, *jornalismo de informação* e *jornalismo de comunicação*, cada um deles marcado por uma maneira específica de conceber e praticar o jornalismo. Os autores propuseram o conceito de paradigma jornalístico para pensar as alterações identificadas no campo profissional e caracterizaram a última fase desta tipologia pela hiperconcorrência, multiplicação dos suportes midiáticos e superabundância de oferta.

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

Entre as novas práticas que emergem com o *jornalismo de comunicação*, os autores chamam atenção para as aproximações entre jornalismo e entretenimento. O paradigma do jornalismo de comunicação, a partir de final dos anos 1970 com base em estudo das práticas dominantes da imprensa da América do Norte, mas com diálogo com as práticas jornalísticas universais, destaca-se pela oferta abundante e disputa cada vez mais acirrada pela atenção do público. Esse tipo de jornalismo, típico de sociedades em que a informação é marcada pelo excesso e diversidade, na visão dos autores, investe em temas associados ao consenso, principalmente no que se refere ao entretenimento e lazer. Para os pesquisadores, fatores técnicos e econômicos, com o contexto de industrialização dos bens e serviços, melhoria na circulação da informação, urbanização e avanços de escolarização possibilitaram a emergência dessa mudança.

Assim, na avaliação de Charron e Bonville (2016, p.339) “o controle remoto e o clique do mouse do computador são os símbolos de um novo regime de consumo de informação”, expondo uma relação de profunda competitividade. Com o desgaste das regras, a inovação passa a ser uma condição de sobrevivência: a distinção como imperativo. Neste regime concorrencial, a informação estabelece uma relação mais próxima com o entretenimento para suscitar a atenção do público, contrastando com a concepção tradicional do jornalismo. Tendo em vista as transformações apontadas, as dinâmicas do *Profissão Repórter*, na grade de programação da Rede Globo desde 2006, revelam-se instigante objeto de análise para observar essas mudanças, com foco na caracterização dos gêneros jornalísticos. O programa já foi considerado como “marco de inovações técnicas, estéticas e narrativas” (SOARES; GOMES, 2012, p. 13).

Profissão Repórter possibilita um jornalismo que permite pensar a si mesmo a medida que procura pautar o próprio processo de produção da reportagem, proporcionando construir novos formatos, linguagens e possibilidades jornalísticas. Com amparo metodológico em pesquisa bibliográfica e documental, além de depoimentos da equipe, este artigo busca refletir sobre as relações a partir do programa conduzido por Caco Barcellos e uma equipe de jovens repórteres. Nesta abordagem, o foco não está no produto. O objeto da análise deste estudo que chamo de exploratório são os discursos construídos em torno do programa pela própria equipe. Assim, o gesto de interpretação mobilizado aqui se volta para os enunciados dos agentes em diferentes espaços, como no

livro *Profissão Repórter: 10 anos* (2016), depoimentos, reportagens e entrevistas realizadas por mim com a equipe².

2. Entre a informação e o entretenimento

A hiperconcorrência identificada no mercado exige a mobilização de todos os recursos disponíveis pelos agentes midiáticos, como alertam Charron e Bonville (2016, p.381): Assim, “o jornalismo tende a recorrer a procedimentos discursivos (como o humor, a irreverência, o apelo à emoção, a dramatização, o registro familiar, a indignação, etc.)”, antes estranhos ao jornalismo ou reservados a outros espaços. Os autores explicam que na concepção tradicional de jornalismo, o conteúdo costuma importar mais do que a forma, o que muda em discursos midiáticos que se relacionam com a diversão. Com a hibridização, os efeitos do entretenimento podem ser gerados tanto pela forma quanto pelo conteúdo. Ao contrário dos outros paradigmas jornalísticos, no *jornalismo de comunicação*, a mídia e os profissionais da informação buscam não apenas formas de distinção dos concorrentes como maneiras de valorizar as preferências do público:

[...] os jornalistas deixam transparecer mais abertamente sua subjetividade e tentam estabelecer com o público, cada vez mais “especializado”, laços de convivência e intersubjetividade. Os gêneros jornalísticos que dão amplo espaço ao comentário (crônicas opinativas, de humor e temáticas, linha aberta, etc.) estão em nítida ascensão; a notícia, gênero por excelência do jornalismo de informação, incorpora mais e mais julgamentos e comentários. O hibridismo entre o discurso de imprensa e as outras formas do discurso midiático é tolerado, até mesmo encorajado: a ficção se mistura à realidade; notícias secundárias adquirem o status de acontecimento; a informação se faz entretenimento e adota facilmente o tom do humor ou um tom familiar, de convensa; a efusão e a emoção substituem a explicação; o tom e o estilo do discurso promocional impregnam o discurso de imprensa. (CHARRON; BONVILLE, 2016, p.30)

As inovações técnicas favorecem a multiplicação dos suportes midiáticos e dos serviços de informação, com a grande diversificação e uma superabundância da oferta. Nesse ambiente de hiperconcorrência, a tendência é pela hibridização de formatos e discursos. O *jornalismo de comunicação* definido pelos autores pode não dar mais conta de explicar o momento atual pelo qual passam as práticas jornalísticas, considerando que o estudo original data de 2004 e houve muitas mudanças desde então. No entanto, no

² Cabe ressaltar ainda que alguns dos depoimentos dos profissionais aqui apresentados foram colhidos em entrevista me concedida para fins de pesquisa de doutoramento sobre o exercício da reportagem, em novembro de 2018 e agosto de 2019.

panorama traçado por eles, as aproximações entre jornalismo e entretenimento parecem apresentar fronteiras cada vez mais porosas. Na proposição criada, a preocupação não é elaborar uma história do jornalismo, mas esboçar um modelo teórico que permita compreender seu desenvolvimento e identificar os traços essenciais que o caracterizam como prática discursiva específica e diferenciada.

Ao estudar as interpretações sobre o Brasil pelas telenovelas do país, também nos anos 2000, a pesquisadora Esther Hamburger chamava a atenção para o papel central exercido pela televisão na realidade brasileira, marcada por contrastes sociais e exclusões. Segundo Hamburger (2005, p.79), “[...] quando o acesso à informação depende fortemente da escolaridade e quando essa escolaridade está associada à discriminação social, a televisão constitui uma fonte privilegiada, acessível e compreensível a amplos segmentos”. A potencialidade representada pelo meio, num contexto de extrema desigualdade como o brasileiro³, é acentuada pela autora. Hamburger também assina o prefácio da obra *Profissão Repórter em diálogo* (2012), resultado de ampla pesquisa sobre o programa, quando observa a possibilidade de fazer televisão de modo instigante, com base na experimentação.

Por ser um meio de comunicação de fácil acesso e popular, sendo o mais utilizado para busca por informações ou entretenimento no Brasil, a televisão significaria deste modo um potencial imenso no desenvolvimento da consciência crítica e difusão do conhecimento. *Profissão Repórter* estaria, na avaliação de Hamburger (2012, p.9-10) “sintonizado com a sensação de cansaço que o telejornalismo convencional provoca”, distinguindo-se “porque se aventura na experimentação de pautas, na diversificação de pontos de vista sobre um mesmo assunto e na tematização do próprio processo de construção da notícia”. Aproximações entre jornalismo e entretenimento compõem uma antiga discussão que gera muitos embates, conflitos e disputas no campo profissional e teórico. Enquanto há quem veja com preocupação esse diálogo, temendo o possível comprometimento da finalidade principal do jornalismo, há também quem seja entusiasta da convergência, sem ressalvas.

³ “Em uma sociedade que herdou do passado colonial escravocrata uma desigualdade que se reitera em barreiras discriminatórias como a cor da pele, o analfabetismo e a falta de cultura literária, a ‘ignorância’ sintetiza a discriminação, marca a superioridade de quem domina as mínimas regras da cultura erudita. Nesse contexto, a televisão, reconhecida como veículo que, entre outras coisas, pode informar e ensinar sobre o significado e a maneira de usar novos produtos, assume papel estratégico para um público sedento de informação” (HAMBURGER, 2005, p.72).

Ao defender a compreensão do jornalismo como forma de conhecimento, Meditsch (1997) considerou a espetacularização como um dos aspectos mais problemáticos desta vertente. No seu entendimento, o que difere uma narrativa jornalística de um relato científico, de um texto didático ou de um relatório policial é a condição de se dirigir a pessoas que não teriam necessariamente a obrigação de ler aquilo. Isso a faz buscar formas e tentativas de atrair as pessoas para que se interessem por aquela informação, por meio de técnicas narrativas e dramáticas, o que não seria um problema: “o uso destas técnicas se justifica amplamente pela eficácia comunicativa e cognitiva que proporcionam. O problema é quando passam a ser utilizadas em função de objetivos que não os cognitivos, como a luta comercial por audiência e o esforço político de persuasão” (MEDITSCH, 1997, p.10).

Na mesma linha, ao confrontar discursos de diferentes vozes sobre as finalidades do jornalismo, Reginatto (2019) considerou que divertir não é papel do jornalismo. Ela compreendeu que o entretenimento também pode exercer a função de informar, mas advertiu que seu compromisso não é com a informação. Na sistematização daquelas que seriam as principais finalidades do jornalismo e amparada nos estudos de Márcia Amaral, ela explicou: “A retirada do papel de divertir deriva do entendimento de que esse não é um papel de dever-ser no discurso dos leitores” (REGINATTO, 2019, p.243). Assim: “Ao buscar divertir enquanto algo a priori, o jornalismo corre o risco da superficialidade e da fragmentação, excluindo as finalidades que fazem ser jornalismo e não outra coisa”. (REGINATTO, 2019, p.243). A pesquisa da autora indicou que a principal função do jornalismo é informar de modo qualificado e orientar com base no interesse público.

Vistas com ressalvas por parte de estudiosos, as articulações entre jornalismo e entretenimento recebem diferentes nomes entre pesquisadores que não veem a aproximação como distorção. Gomes (2008; 2009) define esse embaralhamento de fronteiras como infotainment ou *infotainment*, considerando-o uma estratégia midiática. Assim, seria num cenário global, resultante de “uma complexa articulação entre políticas macroeconômicas, marcos regulatórios, possibilidades tecnológicas, estratégias empresariais, expectativas históricas e culturais sobre os sistemas televisivos e seus produtos” (GOMES, 2009, p.11). Ela interpreta que o entretenimento é frequentemente associado a algo depreciativo, em contraposição ao jornalismo e que, embora sejam fenômenos distintos, o infotainment se aproxima do jornalismo popular, a medida que ambos buscam recursos para alcançar melhores índices de audiência.

3. O programa *Profissão Repórter*

A multiplicidade de ângulos para um mesmo tema, as cenas de *making off* e o enfoque para o próprio processo de construção da reportagem, com ênfase nas decisões tomadas, parecem ser algumas das estratégias utilizadas pelo *Profissão Repórter* na busca por tentativas de distinção da concorrência e apreensão da audiência. O episódio piloto do programa foi ao ar em 28 de abril de 2006 como especial do *Globo Repórter*, sobre o tema trânsito em São Paulo. Dia 7 do mês seguinte, teve estreia com 12 minutos de duração, como quadro do *Fantástico*, revista eletrônica dominical onde permaneceu nos dois anos iniciais. Exibido de abril a dezembro, desde 2016 nas noites de quarta-feira, às 23h45min em três blocos, o programa está há mais de dez anos na grade da emissora líder de audiência do país. A temporada de 2020 foi prejudicada com a pandemia de Covid-19, que adiou a exibição do programa por tempo indeterminado pela primeira vez desde o seu lançamento, mas não impediu a atividade da equipe.

Deslocado para ajudar na cobertura da pandemia, o *Profissão Repórter* segue na produção de reportagens temporariamente exibidas em outros programas da grade. A permanência do programa desde 2006 é um dos indicativos de sua aprovação junto ao público, apesar do horário de exibição. Se pode ser impedimento para a audiência, no olhar de quem o produz, a exibição tardia é uma forma de garantir “liberdade para abordar temas diversos”, como explica a chefe de reportagem, Márcia Gonçalves, em entrevista à pesquisadora⁴. A editora-chefe do programa, Janaina Pirola, complementa: “Uma coisa positiva é que nos permite abordar temas mais pesados. O jornalismo não tem censura, como é o entretenimento, então tem que ter uma auto-regulação”. A audiência alcançou em 2019 o registro de 15 pontos em São Paulo, recorde da temporada, de acordo com a colunista especializada em televisão Patrícia Kogut, do Jornal O Globo⁵.

O programa ganhou edições especiais até entrar para grade fixa semanal da Globo, em 2008. O didatismo na promessa estava presente no anúncio do lançamento do quadro, pelo então apresentador Pedro Bial: “Jornalismo à flor da pele. O repórter Caco Barcellos entra em campo com uma equipe de jovens jornalistas para mostrar com quantas informações, com quantas imagens, com quantas emoções se faz uma reportagem. Estreia

⁴ Os depoimentos de integrantes da equipe do programa *Profissão Repórter* resultam de entrevistas feitas pela pesquisadora em novembro de 2018 e agosto de 2019, na sede da Rede Globo, em São Paulo.

⁵⁵ Mais informações estão disponíveis em: <<https://kogut.oglobo.globo.com/noticias-da-tv/audiencia/noticia/2019/06/profissao-reporter-registra-recorde-em-sao-paulo-com-15-pontos.html>> Acesso em 7 ago, 2020.

agora o *Profissão Repórter*⁶. Idealizado pelo jornalista Caco Barcellos⁶ com direção de Marcel Souto Maior, *Profissão Repórter* alcançou em outubro de 2019 a marca de 400 edições com um especial sobre povos isolados na Amazônia, resultado de uma imersão de 25 dias anunciada como a “expedição mais longa feita por repórteres da equipe”. No site da Globo⁷, constam alguns números que dão a dimensão do trabalho de 14 anos: a equipe já percorreu todos os estados brasileiros e 41 países.

Protagonistas anônimos desconsiderados da pauta tradicional costumam estar na centralidade do programa que desde o início procurou no cruzamento de olhares sobre o mesmo fato, um diferencial, no esforço para evitar o jornalismo declaratório. No livro *Profissão Repórter: 10 anos*, Marcel Souto Maior (2016, p.13) apresenta logo na abertura as finalidades que os conduziram inicialmente: a busca por “repórteres que – além de contar com talento e garra – aceitassem o pacto proposto por nós: o de empunhar câmeras compactas, participar de todo o processo de construção da reportagem [...] dividir com o público suas dúvidas e – o mais importante – suas emoções”. A posição de Souto Maior parece ir ao encontro da definição de Caco Barcellos (2016, p. 31), para quem “não existe regra para se produzir uma reportagem. A busca por uma boa história depende da experiência de cada um e pode nos surpreender a todo instante e em todo lugar”.

Ao longo de sua trajetória, *Profissão Repórter* procurou colocar em pauta temas que não costumam ser tratados na cobertura jornalística habitual, como a desigualdade social na cidade de São Paulo, a mais rica do país, episódio que foi ao ar em 6 de novembro de 2019, ou as condições de trabalho dos cortadores de cana, exibido em 26 de maio de 2006, quando *Profissão Repórter* ainda era um quadro do *Fantástico*. Há um nítido esforço por tratar de modo diferenciado ou com outro olhar mesmo assuntos que estão sempre no noticiário, lançando novas possibilidades de interpretação e análise. Na descrição do programa no site Memória Globo, o *Profissão Repórter* apresenta cinco eixos temáticos: violência, educação, transporte, moradia e saúde, além dos assuntos que estão na ordem do dia. O programa identifica-se com a abordagem de temas sociais, ligados aos direitos humanos e à cidadania.

⁶ “Pensei no formato em 1995. Eu desejava uma dinâmica de reportagem que pudesse contar a história sob vários ângulos. Porque não existe verdade absoluta; a verdade é sempre relativa de acordo com o olhar que você tem sobre aquela história. O bastidor que mostramos é o relacionado ao conteúdo: a dúvida na hora de escolher uma pauta, a discussão sobre essa pauta, a escolha do processo que a gente vai seguir durante a captação de informação, a discussão de uma questão ética. Nem sempre a gente percebe que a estrela do programa é a reportagem, o conteúdo”. (MEMÓRIA GLOBO, depoimento de Caco Barcellos, 2008)

⁷ Disponível em: <<http://especiais.g1.globo.com/profissao-reporter/10anos/>> Acesso em 12 nov. 2020.

Criado com a promessa de mostrar “os bastidores da notícia, os desafios da reportagem”, como anuncia o *slogan*, não é propriamente uma inovação no fazer jornalístico. Pelo menos desde os anos 1970, a busca de novas narrativas no telejornalismo brasileiro mostra uma corrida nessa direção⁸. Mas constitui prática incomum à medida que valoriza os processos envolvidos, opção que justifica sua relevância como objeto de estudo. Além de integrar a programação da maior emissora comercial do país, *Profissão Repórter* quer se diferenciar ao mostrar a produção da reportagem, com as etapas e dilemas envolvidos, algo comum nos programas de entretenimento, mas atípico no jornalismo. Diferentemente do jornalismo tradicional, onde o público em geral acessa apenas o resultado final do trabalho, no *Profissão Repórter* os desafios e os percalços no caminho são levados como parte da própria pauta.

A escolha pelo programa se faz relevante ainda à medida que seu idealizador é considerado referência entre o campo jornalístico. Caco Barcellos é lembrado pela trajetória consolidada, com mais de 40 anos de carreira, vencedor de alguns dos prêmios de jornalismo e direitos humanos mais prestigiados do país. Ele soma na bagagem três livros-reportagem com números expressivos para o mercado editorial brasileiro. *Nicarágua, a Revolução das Crianças* (1982), *Rota 66, a história da polícia que mata* (1992) e *Abusado, o dono do Morro Dona Marta* (2003) - os dois últimos escolhidos na categoria livro do ano, do Prêmio Jabuti de Literatura, concedido pela Câmara Brasileira do Livro. Questões sociais são uma marca do jornalista, imprimindo certo estilo próprio de reportar (MOURA, 2007), com ênfase para o jornalismo investigativo. Na Apresentação de *Rota 66* (2010, p.13), Narciso Kalili se refere ao colega como “um jornalista que tem lado”, “o dos mais fracos, das vítimas”⁹.

Ao longo do tempo, o programa conduzido por ele tem despertado a atenção da academia, tornando-se tema de diversos estudos (PROCÓPIO, SOUZA, 2018; COUTINHO, SANTOS, 2017; ALENCAR JUNIOR, 2015; CHIARIONI, 2014; KLEIN, 2012; SANTOS, 2011). Um dos mais abrangentes é o trabalho de *MidiAto*, Grupo de Estudos de Linguagem: Práticas Midiáticas, da Universidade de São Paulo, resultado de análise detalhada e criação de um amplo banco de dados com base em 149 edições dos

⁸ O próprio Caco Barcellos evidencia a constatação ao mencionar a experiência de Goulart de Andrade, com o *Plantão da Madrugada*, criado em 1982, na Rede Globo.

⁹ “Caco Barcellos é um jornalista que está do lado da maioria. O lado dos desgraçados, dos miseráveis. Gente sem privilégios, indefesa, e para quem o trabalho de jornalistas como Caco Barcellos ou Donald Wood representa a porta de entrada em direção à vida.” (apud BARCELLOS, 2010).

primeiros quatro anos do programa. A pesquisa de fôlego foi lançada em 2012 no livro *Profissão Repórter em Diálogo*, organizado pelas professoras Rosana Soares e Mayra Gomes, com artigos de vários pesquisadores. Entre as constatações do estudo, chama a atenção que “a discussão da pauta e de edição da reportagem não é tão preponderante quanto o *slogan* pode sugerir” (GROSS, PASCHOALICK; 2015, p. 36).

À luz dos processos de midiatização e entre uma multiplicidade de ângulos acionados, Klein (2012) analisou o jornalismo praticado em *Profissão Repórter* e sua articulação com lógicas associadas ao entretenimento. Na sua avaliação, a principal diferença de *Profissão Repórter* em relação a outros programas jornalísticos, especialmente os de reportagem, está em assumir a autorreferencialidade como eixo norteador. Entre as conclusões, ela observou “uma edição que associa elementos de entretenimento (formas de edição de elementos sonoros e visuais diversos, estilo conversacional, tratamento de assuntos amenos [...] que alteram – agregando informação[...])” (KLEIN, 2012, p.401). Ao estudar *infotainment*, Santos (2011, p.192) observou *Profissão Repórter* como exemplo, reconhecendo elementos como estratégias de narrativas ficcionais, o foco em repórteres-personagens e ênfase na emoção.

4. Análises

As referências a outras narrativas ligadas às artes ou à indústria do entretenimento atravessam o programa, a começar pelo próprio nome que remete ao título do filme *O Passageiro: Profissão Repórter*, de 1974. A obra é um dos mais célebres longas do diretor italiano Michelangelo Antonioni, estrelado por Jack Nicholson e Maria Schneider, trata de um repórter frustrado com sua profissão que se desloca para um país africano para cobrir uma guerrilha, onde acaba mudando de personalidade. Esta referência constitui apenas uma das evidências desse diálogo que perpassa a concepção do formato, expondo limites, às vezes estreitos entre a realidade e a ficção ou entre o jornalismo e o entretenimento. Editores do programa, por exemplo, não escondem a influência cinematográfica no trabalho de finalização, como faz Ana Escalada, que atuou como editora chefe do programa:

“Na dinâmica de edição do programa, cada história é montada separadamente em pequenos capítulos. **Podemos comparar com o processo de montagem de um filme**, cada capítulo correspondendo a uma cena” (ESCALADA, 2016, p.203, grifos nossos). Curioso é observar que no mesmo texto a jornalista afirma que “a edição jornalística é

essencialmente oposta à da ficção” (ESCALADA, 2016, p.208), sem perceber a contradição¹⁰. O editor Rafael Armbrust (2016, p.187) também procura demarcar a distinção: “É claro que fazer um trabalho de edição somente com informações – jornalismo informativo – é diferente de lidar com histórias, emoções e narrativa, como é no *Profissão Repórter*. E nesse caso a ilha [de edição] é como se fosse um pequeno cinema particular [...]”. Em contraponto ao telejornalismo diário, o formato valoriza a imagem que conduz a narrativa, em detrimento do texto narrado pelo repórter, o *off*.

Ainda que seja uma influência no modo de apresentação da narrativa, cabe ressaltar essa inspiração que ajuda a compreender o modo como o programa foi concebido ao longo do período. Desde o início no *Profissão Repórter*, o editor de imagem e finalizador Júlio Inácio, que estava há 19 anos na emissora quando o entrevistei, em 2018, explica que o formato do roteiro é baseado na simultaneidade de acontecimentos. Ele reconhece o trabalho de edição como “um filtro” e lembra as resistências iniciais sofridas pelo programa, quando muitos achavam que “isso não vai dar certo”. Inácio pontua o caráter laboratorial assumido pelo programa ao estimular o envolvimento dos repórteres em todas as etapas de produção da reportagem, inclusive na edição, o que facilita o trabalho de finalização dos editores. Ao falar de sua busca por inovar linguagens e formatos, ele ressalta:

“É trazer um pouco da dramaturgia para o jornalismo, na edição. Você consegue fazer isso também no texto, mas não é o formato do *Profissão*[...]. Nós fizemos programas em que dá pra usar um pouco da dramaturgia na edição” (Júlio Inácio, editor de imagens, entrevista, 2018). Em função da dinamização criada pela edição, Inácio comenta que muitas pessoas achavam no início que o programa era finalizado em produtora. “Se a gente traz isso para a edição de imagens, você sai do jornalismo normal. E você começa a contar de uma forma diferente. Toda a semana é um desafio contar uma história. E contar de uma maneira que convença as pessoas.” Nessa tentativa por diferenciar o conteúdo produzido, ele recorda como foi sua chegada à equipe, em 2006:

Nessa época tava passando um filme do Denzel Washington, *Chamas da Vingança* [...] Eu assisto muito filme, muito documentário, o tempo todo. Você tem que fazer essa viagem para poder ter esse resultado. Eu

¹⁰ A contradição também aparece aqui: “Meu companheiro de ilha, Rafa Armbrust, e eu criamos um recurso que chamávamos de Guy Ritchie, por inspiração do diretor de filmes como *Jogos, trapaças e dois canos fumegantes* e *Snatch*, que no Brasil recebeu o subtítulo de *Porcos e diamantes*. O diretor inglês é um mestre em montar sequências de ação com pouquíssimos takes. Do nosso jeito, e sem o mesmo talento, começamos a fazer a mesma coisa em algumas sequências do programa [...]” (ESCALADA, 2016, p.199)

pensei... **a gente tem que criar uma forma de que a câmera seja mais nervosa, seja mais impactante.** E a ideia partiu desse filme. Se você assistir ao piloto visual, vai perceber isso. (Júlio Inácio, editor de imagens, entrevista, 2018. grifos nossos)

O adjetivo “nervosa”, usado pelo editor de imagens para qualificar a característica da captação de imagens em *Profissão Repórter* revela a intencionalidade de promover um ‘efeito de verdade’ e causação, sobretudo uma experiência sensorial que o programa quer despertar. Recurso que o aproxima das estratégias mobilizadas do entretenimento.

Ainda como quadro do *Fantástico*, em 2006, o *Profissão Repórter* surgiu de uma ideia de Caco Barcellos. Quando foi lançado o programa, o jornalista dizia querer mostrar “as dúvidas, conflitos, conquistas e decepções” da equipe. Por isso, não apresentaria o programa de uma bancada, mas da rua: “Vou sempre estar no local da notícia, Precisamos estar no cenário real do jornalismo”, anunciava (CORREIO BRAZILIENSE, 07 de maio de 2006, p. 3), deixando à mostra alguns dos efeitos de verdade mobilizados no programa. No lançamento, Caco anunciou à imprensa: “A minha expectativa é de que o programa apresente novos caminhos para a reportagem. Que os novos repórteres se convençam de que o melhor jornalismo se faz mesmo é nas ruas”. Em entrevista à pesquisadora, o próprio Caco conta que, na sua avaliação, o fazer jornalístico no *Profissão* está mais voltado para o passado do que propriamente para o futuro: “É uma exceção no núcleo da Globo repórteres se envolverem na produção. Cada programa dispõe de uma equipe de reportagem e de uma equipe de produtores” (Caco Barcellos, jornalista, entrevista, 2018).

Há 14 anos no ar, *Profissão Repórter* também experimentou mudanças que ajudam a compreender as relações entre jornalismo e entretenimento no programa. Nas primeiras edições, Caco desafiava os jornalistas a mostrarem os bastidores da reportagem e os diferentes ângulos da notícia, lançando inicialmente a frase: “Será que eles vão conseguir?” Talvez numa tentativa de tirar o foco dos repórteres frente às críticas recebidas pelo excesso de protagonismo, a pergunta foi suprimida, assim como tom de desafio, e o programa passou a dar mais destaque para o conteúdo apresentado em vez dos dilemas e dificuldades enfrentadas pelos repórteres. Com a mudança de rumo, o programa se concentrou no conteúdo em vez dos dilemas e dificuldades enfrentadas. Em entrevista à pesquisadora, em novembro de 2018, Caco destacou: “o conteúdo deve se sobrepor aos bastidores”, como defendia anteriormente.

Uma noção que não aparece no trabalho de campo mas salta aos olhos na pesquisa sobre o programa e escancara as relações com o entretenimento é a de aproximação com

a proposta de *reality show jornalístico*, especialmente no período inicial do programa. Tanto que *Profissão Repórter* é anunciado pela imprensa no seu lançamento, como “uma espécie de *reality show*” (CORREIO BRAZILIENSE, 7 de maio de 2006, p.3). Este viés não é mencionado por nenhum dos integrantes do programa nas entrevistas realizadas por mim. Antes disso, Caco já reforçava (2016, p.39): “Os bastidores ajudam o público a entender as circunstâncias em que a apuração foi feita. Mas os repórteres não são personagens. São contadores de histórias e não podem perder nunca o foco principal: as pessoas comuns que fazem a notícia”. A ressalva, no entanto, contradiz explicitamente posição anterior:

Então quando a gente foi montando as equipes, a primeira equipe, a gente falava claramente para eles: olha, vocês **são repórteres, mas vocês também são personagens**. Vocês têm que estar dispostos a se expor. Vocês vão ser expostos [...] E aí você tem as fragilidades da equipe, você tem as angústias, você tem os medos. Você tem as inseguranças todas. E isso a gente tinha que transformar em conteúdo também e botar no ar. (MEMÓRIA GLOBO, depoimento de Marcel Souto Maior, 2008, grifos nossos)

Apesar da ressalva estabelecida por Caco em contraponto à fala do diretor, muitas vezes repórteres assumem a posição de protagonistas: a reportagem passa a ser uma forma de mostrar o comportamento desses profissionais, como já observaram diferentes pesquisas (SANTOS, 2011; COUTINHO; SANTOS, 2017). É comum uma das câmeras do programa mostrar as reações do jornalista condutor da reportagem (PROCÓPIO, SOUZA, 2018), peculiaridade que permite ao espectador acompanhar expressões, risos e sentimentos de quem produz a reportagem. “A estrela do programa é a reportagem, seus dramas, seus conflitos e nossos erros. Isso nunca foi visto na televisão”, afirmava Caco quando do lançamento (CORREIO BRAZILIENSE, 7 de maio de 2006, p.3). Enquanto o diretor Marcel Souto Maior antecipava, sem rodeios: “Será uma espécie de *reality show* sem eliminação e sem prêmios” (CORREIO BRAZILIENSE, 7 de maio de 2006, p.3).

Desde o início, o programa mostrava seu desejo de reunir uma equipe jovem formada por recém-formados, sem experiência em televisão e com trajetórias diversificadas, “que não tivessem vícios”, define Caco na entrevista me concedida. O programa iniciou em 2006 com jornalistas em torno dos 25 anos, selecionados entre quase 9 mil candidatos inscritos num programa de estágio na emissora, o que pode ser lido também como uma estratégia. O estágio pode ser laboratório e treinamento da própria

Globo, ‘em formar’ parte dos seus funcionários, por exemplo, já que muitos deles ingressam no programa e passam a assumir outros postos na emissora.

Editora-chefe do programa, a jornalista Janaina Pirola, acredita que o perfil do *Profissão Repórter* mudou muito com o passar do tempo. Ela lembra que, nos primeiros episódios, situações como o repórter que não segurava bem o microfone eram tematizadas como bastidor, situação que perdeu importância com o passar do tempo. Nos últimos anos, a prioridade tem sido mostrar bastidores que tenham relevância para o tema em pauta, argumenta a editora. A concepção do programa tem forte influência do documentário, na sua avaliação, o que levou a equipe a estudar roteiro.

A pauta precisa ter movimento. Ela precisa que as coisas estejam acontecendo. Isso é um ponto muito importante pra pauta. Porque tem muita pauta boa que a gente fala: “não cabe no nosso formato”. Dentro de um programa, você pode até ter uma reportagem mais parada, com entrevista e tal, mas as duas outras reportagens tem que ter movimento. Não é que tem que ter movimento. O assunto tem que ter uma característica tal que a gente possa mostrar aquilo acontecendo. Não pode ser uma reportagem que a gente não tenha acessos, que a pessoa não quer que a gente acompanhe. Não quer que vá ao casamento. Não quer mostrar o dia que sai da cadeia. Não quer mostrar o dia que vai ser preso [...] (Janaina Pirola, editora-chefe, entrevista, 2018).

O pensamento da editora-chefe permite identificar a concepção de jornalismo de quem faz o programa. Há um entendimento explícito de que a melhor maneira de abordagem é as pessoas contarem a sua própria história enquanto isso acontece. Se, por um lado, este recurso é interessante à medida que combate o que se entende como jornalismo declaratório, baseado apenas nas versões das pessoas entrevistadas, por outro, também pode ser questionada a ênfase dada à imagem na crença de que ela reproduz uma “realidade incontestável”. Considerando esse como um critério definitivo na pauta, também pode representar um grande limitador para abordagens que não tenham tanto apelo visual, o que é confirmado pela própria equipe: “As vezes a história é muito boa e a gente fica quebrando a cabeça pra pensar como isso funcionaria no nosso formato”, diz Janaina.

5. Considerações finais

O estudo exploratório de *Profissão Repórter* a partir do mapeamento de vozes que constroem o programa permitiu observar um reposicionamento em sua trajetória, desde que foi ao ar em 2006, ainda como quadro do *Fantástico*. Lançado como *reality show*

jornalístico, conforme anunciava seu diretor, procurou se desvincular desse rótulo, apagado dos depoimentos da equipe colhidos para esta pesquisa, em momento diferentes. Talvez essa tentativa de dissociação reflita inclusive um esforço por não misturar o que seria visto de modo pejorativo. Investiu em estratégias para reforçar sua identidade diferenciada entre os programas jornalísticos da Rede Globo. No entanto, conservou a estrutura inicial, que se tornou sua marca, baseada em três eixos temáticos de um mesmo assunto, promovendo uma multiplicidade de olhares acerca de um mesmo assunto. As evidências levantadas permitem inferir ainda que se utiliza de recursos de edição que flertam com o entretenimento, embora os profissionais recusem - ou talvez não se deem conta - de qualquer aproximação.

Como observam Charron e Bonville (2016, p.381), com o crescimento da oferta, no jornalismo de comunicação, “a prática do zapping muda não somente a escolha dos programas a que se assiste, mas também a maneira de se assistir”. Assim, “um programa de televisão, independentemente do momento em que se ‘entra’ nele, deve ter um sentido imediato [...]. A televisão sequencial e programada dos primórdios cede progressivamente o lugar à TV da hiperconcorrência, interativa e sincrética” (CHARRON; BONVILLE, p.381-382), destacando o aspecto de movimento associado à navegação na web. Apesar das negativas em torno da interação entre jornalismo e a lógica do entretenimento em *Profissão Repórter*, depoimentos de integrantes do programa permitem identificar, ora de modo sutil ora de modo mais explícito, essas aproximações, sobretudo pelo uso de recursos e estratégias de edição interessadas na mobilização de sensações ou no amortecimento da narrativa visual oferecida.

O que se percebe na análise dos depoimentos é um hibridismo nos gêneros tradicionais do jornalismo, num diálogo com estratégias do entretenimento. Novas análises sobre essas relações exigem um olhar também para o produto, em busca desses elementos no programa, dada a complexidade do fenômeno. No entanto, para fins deste estudo inicial, consideramos que foi importante acessar as vozes e sentidos envolvidos nos discursos de quem produz o programa. Por fim, é necessário reconhecer o papel exercido por *Profissão Repórter* na televisão aberta no país. O programa aparenta querer de distinguir no jornalismo não apenas pelo formato, mas como laboratório, espaço de experimentação de abordagens, linguagens e recursos de outras áreas. Por estar na grade fixa da principal emissora de televisão aberta do Brasil, reúne condições, estrutura e possibilidades diferenciadas. Por reunir características peculiares, merece particular

atenção. Deve ser, portanto, estudado, analisado e compreendido em diferentes aspectos, pois configura múltiplas possibilidades de pesquisa.

Referências bibliográficas

- BARCELLOS, Caco. **Rota 66**. São Paulo: Globo, 2010.
- CAVECHINE, Caio (org.). **Profissão Repórter 10 anos**: Grandes aventuras, grandes coberturas/Caco Barcellos. São Paulo: Planeta, 2016.
- CHARRON, Jean; BONVILLE, Jean. **Natureza e transformação do jornalismo**. Brasília: FAC Livros; Florianópolis: Insular, 2016.
- CHIARIONI, Bruno Teixeira. **Sublime olhar**: memória e experiência na narrativa do Profissão Repórter. São Paulo: Editae! Cultural, 2014.
- CORREIO BRAZILIENSE. Outro lado. Outro lado. Brasília, 03 de maio de 2006.
- CORREIO BRAZILIENSE. Passo a passo. Brasília, 07 de maio de 2006. Suplemento TV, p.3
- COUTINHO, Iluska Maria da Silva; SANTOS, Victor Faria dos. **Entre os bastidores da notícia e o desenvolvimento da reportagem**: O papel do Jornalista mediador no programa Profissão Repórter. Trabalho apresentado na Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017
- ESCALADA, Ana. Corte e costura. As decisões de um editor-chefe. In: CAVECHINE, Caio (org.). **Profissão Repórter 10 anos**: Grandes aventuras, grandes coberturas / Caco Barcellos. São Paulo: Planeta, 2016. p.197-209.
- GOMES, Itania Maria Mota. O embaralhamento de fronteiras entre informação e entretenimento e a consideração do jornalismo como processo cultural e histórico. In: DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de (Org.). **Em torno das mídias**. Porto Alegre: Sulinas, 2008.
- GOMES, Itania Maria Mota. O infotainment na televisão. In: Encontro anual da COMPÓS, 18., 2009, Belo Horizonte. [Anais...] Belo Horizonte: PUC, 2009. GT de Mídia e Entretenimento.
- GROSS, Daniele; PASCHOALICK, Paula. Profissão Repórter, um panorama. In: SOARES, Rosana de Lima; GOMES, Mayra Rodrigues. **Profissão Repórter em Diálogo**. São Paulo, Alameda, 2012.
- HAMBURGER, Esther. Jovens pesquisadores, jovens repórteres. In: SOARES, Rosana de Lima, GOMES, Mayra Rodrigues. (Orgs). **Profissão Repórter em Diálogo**. São Paulo: Alameda, 2012. p.9-11.
- HAMBURGER, Esther. **O Brasil antenado**: a sociedade da novela. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- KLEIN, Eloísa Joseane da Cunha. **Circuitos comunicacionais ativados pela autorreferência didática no jornalismo**: o caso do Profissão Repórter. 2012. 440 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo, Rio Grande do Sul. 2012.
- MEDITSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1997. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>> , acesso em 8 out 2020.
- MEMÓRIA GLOBO. Profissão Repórter. 2008. 12m52s. Disponível em:<<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/profissao-reporter/>> em 07 de outubro de 2020.
- MOURA, Sandra. **Caco Barcellos: o repórter e o método**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.
- REGINATTO, Gisele Dotto. **As finalidades do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2019.
- SANTOS, Thiago Emanuel Ferreira. Infotainment na TV: as estratégias de endereçamento do Profissão Repórter. In: GOMES, Itania Maria Mota Gomes (org). **Gênero televisivo e modo de endereçamento no telejornalismo** [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 173-196.
- SOARES, Rosana de Lima, GOMES, Mayra Rodrigues. (Orgs). **Profissão Repórter em Diálogo**. São Paulo: Alameda, 2012.